

## **Pluralismo Religioso como Ferramenta de Acolhimento e Combate aos Fundamentalismos**

### **Religious Pluralism as a Tool for Welcoming and Combating Fundamentalism**

*Eduarda Viviane Müller<sup>1</sup>*

*Taiana Luisa Wisch<sup>2</sup>*

*Carolina Bezerra de Souza<sup>3</sup>*

#### **RESUMO**

O presente artigo propõe a reflexão crítica sobre os desafios da contemporaneidade enfrentados no âmbito religioso e social, especialmente os marcados por fundamentalismos religiosos e opressões embasadas em tradições e nas escrituras sagradas. A partir do desenvolvimento da compreensão da Teologia do Pluralismo Religioso em diálogo com a compreensão de um Deus múltiplo, argumenta-se que o pluralismo religioso pode ser uma ferramenta eficaz no combate aos fundamentalismos religiosos através da abertura à pessoa próxima e na valorização da diversidade. Busca-se ressaltar a importância do diálogo inter-religioso, das novas hermenêuticas e da superação das leituras exclusivistas da Bíblia, especialmente quando se fala sobre o enfrentamento das violências que atingem aos grupos historicamente marginalizados.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Pluralismo Religioso; fundamentalismos; diálogo inter-religioso; violência.

#### **ABSTRACT**

This article proposes a critical reflection on the contemporary challenges faced in the religious and social spheres, especially those marked by religious fundamentalisms and oppressions based on traditions and sacred scriptures. From the development of an understanding of the Theology of Religious Pluralism in dialogue with the understanding of a multiple God, it is argued that religious pluralism can be an effective tool in combating religious fundamentalism through openness to the person next to us and valuing diversity. It seeks to highlight the importance of inter-religious dialogue, new hermeneutics and overcoming exclusivist readings

<sup>1</sup> Mestranda em Teologia na Faculdades EST em São Leopoldo/ RS. Contato: [mullereduardav@gmail.com](mailto:mullereduardav@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestra e doutoranda em Teologia na Faculdades EST em São Leopoldo/ RS. Contato: [taiana.luisaa@gmail.com](mailto:taiana.luisaa@gmail.com)

<sup>3</sup> Docente no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST em São Leopoldo/ RS. Doutora e mestra em Ciências da Religião pela PUC Goiás. Contato: [carolina.bezerra@est.edu.br](mailto:carolina.bezerra@est.edu.br)

of the Bible, especially when it comes to confronting the violence that affects historically marginalized groups.

## KEYWORDS

Religious pluralism; fundamentalism; inter-religious dialogue; violence.

## Introdução

Diante do momento histórico brasileiro, marcado pelo fundamentalismo religioso e intolerância baseada em precedentes bíblicos, o presente artigo analisa e reflete sobre experiências, conflitos e desafios que podem resultar de práticas fundamentalistas e intolerantes e, através da Teologia do Pluralismo religioso, propõe outras perspectivas para a resolução de conflitos. Essa situação sócio-histórica-religiosa extremamente violenta e exclusiva deixou cicatrizes em diversas pessoas, especialmente em pessoas que já vivem uma situação de marginalização e/ou desigualdade.

Inicialmente, apresenta-se algumas aproximações teológicas ao tema abordado, como definições de conceitos, pesquisadores e pesquisadoras que auxiliam na atuação neste campo e contextualização histórica e teológica. Em seguida, aborda-se a definição e construção do fundamentalismo, como este está inserido na sociedade, como ele se mantém e qual a experiência que ele provoca na vida das pessoas, especialmente em grupos já marginalizados, como mulheres, comunidade LGBTQIAPN+ e praticantes de religiões afro-brasileiras.

Após a apresentação do tema e da análise contextual, busca-se definir a Teologia do Pluralismo Religioso e as compreensões de um Deus da multiplicidade bíblica, relacionando estes elementos para então propor outra forma de diálogo e de experiência religiosa junto das pessoas que pensam diferente. Trabalho esse que deve ser feito em comunidade, ao lado daquelas pessoas que vivem situações de vulnerabilidade e em diálogo com outras teologias e outras religiões.<sup>4</sup> Além disso, busca-se contribuir na construção de novas interpretações e novas formas de perceber o mundo ao nosso redor, de forma que possamos ter experiências religiosas e garantir que outras pessoas também as tenham, promovendo, assim, liberdade religiosa e denunciando todas as formas de injustiça e perseguição.

## Aproximações teológicas

Por muito tempo, a teologia seguiu um modelo dogmático, em que a maior parte do fazer teológico foi reduzida a expor e esclarecer os dogmas imutáveis existentes nas igrejas, buscando explicar a fé e aspectos essenciais na relação entre Deus e o povo. Essa forma de relacionamento com o Sagrado impossibilitava o desenvolvimento de uma fé consistente com a realidade e a experiência das pessoas, além de impedir o desenvolvimento de dúvidas, questionamentos

---

<sup>4</sup> EGGERT, Edla; LUCAS, Luísa de. A contribuição da Teologia Feminista Latino-Americana para a Promoção do Diálogo Inter-Religioso. *Revista de Pesquisa em Teologia*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 27-46, jan./jun. 2020, p. 37.

e críticas. Neste contexto, muitas pessoas buscaram meios de modificar essa realidade a fim de transformar a Teologia em ferramenta de acolhimento e apoio para todas as pessoas.

Claude Geffré (1926-2017) foi um pensador católico francês que buscou desenvolver novos modelos para a teologia, dedicando grande ênfase na Hermenêutica Teológica e, a partir da década de 80, na relação do Cristianismo com outras religiões. Para Geffré, a teologia é um “empreendimento hermenêutico” porque “em primeiro lugar, trabalha os textos da tradição da fé. Em segundo lugar, porque interpreta sempre de novo estes textos em função do tempo presente”<sup>5</sup>. Percebe-se, em seu pensamento, que a atualização constante da teologia é uma questão essencial, de modo que seja interpretada e reinterpretada constantemente para fazer sentido, sempre de novo, nas vivências históricas. Esse processo envolve a retomada de textos, histórias e bases da tradição de fé, ou seja, seus produtos de linguagem religiosa iniciais, para que sejam interpretados sob novas bases e formas em diálogo com a singularidade de cada cultura localizada historicamente.

De semelhante forma, a hermenêutica bíblica feminista tem por base a suspeita em relação às interpretações tradicionais das escrituras sagradas, contrastando-as com as experiências cotidianas e corpóreas, em especial de mulheres, em busca de compreender a dinâmica dos poderes nas relações. Ainda nesse âmbito, um pressuposto importante para compreensões contextuais de escritos ou da realidade pessoal é partir das relações de opressão.<sup>6</sup> No entanto, isso não se aplica exclusivamente às questões bíblicas ou contextuais, mas sim a tudo aquilo que se interpreta como teológico.

As diversas teologias contextuais também devem submeter-se à crítica e aos altos preceitos morais da hermenêutica da suspeita. Infelizmente, elas não apontam apenas para caminhos de libertação consoantes ao Evangelho, mas parcialmente também para ‘um quadro de aspecto quase apocalíptico, desprovido de esperança, dilacerado e diluído em reflexões sobre identidade e interesses enfeitadas como religião’.<sup>7</sup>

Ivone Gebara é filósofa, teóloga ecofeminista e uma das principais referências das teologias feministas da contemporaneidade, especialmente na América Latina. Em seus escritos, Gebara desenvolve importantes questionamentos sobre a multiplicidade de interpretações, teologias, verdades, sentidos e a forma como essas questões impactam e sustentam a vida das pessoas. Ela afirma:

Meu sentimento pessoal é que o que chamamos de teologia hoje pode significar algo como a capacidade de afirmar para nós mesmas/os alguns valores que guiam nossas vidas ou algumas referências históricas importantes. Não somos os inventores desses valores. Nós os recebemos do nosso ambiente familiar e de outros lugares que frequentamos ao longo de nossas vidas. Esses valores não existem como entidades abstratas, pré-existentes, mas se manifestam em nossas relações, em nossos pensamentos sobre a vida, sobre nossas necessidades, sobre a direção de nossos comportamentos em diferentes áreas.<sup>8</sup>

<sup>5</sup> TEIXEIRA, Faustino. A Teologia do Pluralismo Religioso em Claude Geffré. *NUMEN: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião, Juiz de Fora*, v. 1. n. 1, p. 45-83, 2010, p. 47.

<sup>6</sup> DEIFELT, Wanda. Os primeiros passos de uma hermenêutica feminista: a Bíblia das Mulheres editada por Elisabeth Cady Stanton. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 32, n. 1, p. 5-14, 1992, p. 12.

<sup>7</sup> KÖRTNER, Ulrich H. J. *Introdução à Hermenêutica Teológica*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009, p. 54.

<sup>8</sup> GEBARA, Ivone. *Para compreender a teologia feminista*. São Paulo: Editora Recriar, 2023, p. 65.

Dessa forma, a proposta de teologia como hermenêutica rompe com questões dogmáticas, porque não quer apenas reproduzir os dogmas, mas também revisá-los e questioná-los com a intenção de dar solução a perguntas, ausências e anseios existentes no contexto e no espaço das pessoas de fé. Sendo assim, a forma de ver e compreender a teologia é modificada à medida que os dogmas deixam de ser compreendidos como verdades absolutas, são assumidos como interpretações e construções humanas contextuais, localizadas em termos geográficos, políticos, históricos, sociais, de gênero etc., que contribuem para os interesses dos grupos que o formaram.

Viu-se que, uma teologia que apenas reproduz histórias bíblicas sem contextualização, adaptação e interpretação, pode acabar se tornando uma ferramenta de opressão e submissão, uma vez que violências religiosas repercutem tanto em âmbito simbólico como social. Esses questionamentos em relação a textos bíblicos, sentidos e dogmas, impulsionaram novas questões que se ampliaram para dar atenção a outros documentos de fé, outras histórias, outras verdades e outras religiões.

### A crise do Fundamentalismo

Nos últimos anos, pela influência das análises propostas por Geffré, aconteceu uma proliferação novas igrejas com propostas dogmáticas próprias, além de grandes transformações contextuais e pessoais. Ao lado do intenso movimento de igrejas e formas de espiritualidade, a partir da virada do século, os avanços tecnológicos rapidamente tomaram proporções globais, com um altíssimo fluxo de informações disponíveis sincronamente em aparatos comunicativos populares como os *smartphones*. Infelizmente, “de forma curiosa, a mesma globalização que tende a promover uma maior aproximação das culturas, acaba provocando igualmente o enriquecimento das identidades”<sup>9</sup> e o desenvolvimento de um ambiente propício também para o desenvolvimento de intolerâncias religiosas, preconceitos, ódio por determinados grupos sociais, políticos ou outras alteridades.

Este final de milênio apresenta-se marcado não apenas pela vontade de diálogo. Infelizmente, testemunha-se igualmente o renascimento de fanatismos, de intolerâncias religiosas diversificadas e, sobretudo, da ausência de sentido de esperança. Constitui ainda um verdadeiro escândalo que em nome de Deus tantas arbitrariedades possam ser feitas e tantas mortes afirmadas.<sup>10</sup>

De acordo com Cunha, a América Latina está enfrentando, nos últimos anos, um fenômeno religioso-político que pode ser explicado através dos conceitos de ‘pós-secularização’ ou ‘religião pública’. Isso acontece quando a religião está presente de forma extremamente ativa em espaços e instituições públicas, tornando-se base para a elaboração de novos conceitos de cultura, valores e afins através de ativismos por pautas bíblicas.<sup>11</sup> Além disso, demonstra-se que não são todos os textos ou suas versões na íntegra que são utilizados como fundamentos, mas são

<sup>9</sup> TEIXEIRA, 2010, p. 70.

<sup>10</sup> TEIXEIRA, 2010, p. 77.

<sup>11</sup> CUNHA, Magali do Nascimento. *Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul: tendências e desafios para a ação*. Salvador/Bahia: Koinonia Presença Ecumênica e Serviço, 2020, p. 16-17.

apenas as partes selecionadas que justificam aquilo que defendem ou que convém. Dessa forma, “certos ‘fundamentos’ são escolhidos para persuasão do público, a fim de estabelecer fronteiras e lutar contra ‘inimigos’, o que sempre resulta em um movimento polarizador e separatista, que nega o diálogo e estabelece um pensamento único que direciona ações”.<sup>12</sup>

A pesquisa desenvolvida por Cunha apresenta importantes discussões a respeito do(s) fundamentalismo(s). Depois de analisar o termo historicamente, opta por adotar o termo no plural, definindo-o como:

Fundamentalismos (no plural, portanto) são aqui compreendidos como uma visão de mundo, uma interpretação da realidade, com matriz religiosa, combinada com ações políticas decorrentes dela, para o enfraquecimento dos processos democráticos e dos direitos sexuais, reprodutivos e das comunidades tradicionais, políticas de valorização da pluralidade e da diversidade, num condicionamento mútuo. Não são homogêneos, são diversificados, formados por diferentes grupos que têm em comum inimigos a combater com ações distintas no espaço público. Por isso, o caráter basilar dos fundamentalismos é o oposicionismo.<sup>13</sup>

Esse momento histórico provoca a emergência de uma ‘ordem social pós-tradicional’. De acordo com Giddens, uma “‘ordem social pós-tradicional’ não é aquela na qual a tradição desaparece – longe disso. É aquela na qual a tradição muda seu *status*: as tradições têm de explicar-se, têm de tornar-se abertas à interrogação ou ao discurso”<sup>14</sup>. Diante deste cenário, retoma-se a importância do empreendimento hermenêutico e da abertura dialogal. Nesta nova perspectiva, as tradições são colocadas diante de uma dupla opção: ou a recusa do engajamento discursivo e da comunicação ou a abertura dialogal. A escolha da primeira opção implica, muitas vezes, no crescimento do fundamentalismo, que consiste na “defesa da tradição de forma tradicional”, em reação às novas circunstâncias da comunicação global. A segunda opção, da comunicação dialógica, impõe-se hoje como um dos desafios mais fundamentais da humanidade.<sup>15</sup>

Importa ressaltar que questionamentos não significam desprezo ou eliminação de uma tradição, apenas que aspectos tradicionais sejam analisados, compreendidos e ensinados de forma coerente com o contexto local, temporal e social em que está inserido. Convergindo com a afirmativa, Colares afirma que

Não se trata de rechaçar a tradição, pois esta carrega uma reserva de sabedoria significativa para o discernimento das gerações que se seguem. A presença viva de Deus pode ser testemunhada quando seu povo encontra modos de vivenciar sua fé a despeito das drásticas mudanças que possam ocorrer no cenário. Nesse ínterim, a tradição segue como fonte de ponderação ética, mas não é sua repetição mecânica que configura fidelidade à Palavra de Deus.<sup>16</sup>

Para Ricoeur, a leitura e a releitura de narrativas constroem não só uma identidade narrativa, mas uma identidade comunitária. Assim, segundo o autor, é possível compreender que a identidade de uma narrativa é dinâmica. De acordo com o autor, “a *identidade* de uma obra

<sup>12</sup> CUNHA, 2020, p. 28.

<sup>13</sup> CUNHA, 2020, p. 26.

<sup>14</sup> GIDDENS, Anthony. *Para além da esquerda e da direita*. São Paulo: Unesp, 1995, p. 13.

<sup>15</sup> TEIXEIRA, 2010, p. 60.

<sup>16</sup> COLARES, Karen. *Submissão Feminina: uma leitura bíblico-feminista*. São Paulo: Editora Recriar, 2023, p. 244.

não é outra coisa senão um ponto de equilíbrio entre o processo de sedimentação e o processo de inovação.”<sup>17</sup> Além disso, a identidade do texto “não se limita ao que se chama ‘dentro’ do texto. Como identidade dinâmica, emerge para a interseção entre o mundo do texto e o mundo do leitor”.<sup>18</sup> Portanto, seria um processo natural que as narrativas bíblicas atinjam novas significações, sendo justamente fonte de reflexão sobre a ética em relação a questões contextuais. No entanto, este não é o movimento da leitura bíblica dentro de movimentos fundamentalistas, que recusam os processos de inovação nas leituras, apegando-se a processos de sedimentação escolhidos.

No cenário globalizado e extremamente tecnológico da atualidade, em que a grande parcela da população tem acesso à internet e redes sociais, ferramentas importantes para o compartilhamento de ideias, opiniões e convicções. No meio digital, ao mesmo tempo em que se identifica uma pluralidade de religiões, valores, sentidos e diferentes verdades, existe também intenso processo de difusão de informações falsas, além de interpretações equivocadas e violentas da Bíblia, que impactam diretamente o diálogo com tradições e denominações religiosas diferentes.

A questão acerca das tradições é que não é preciso realmente justificá-las: elas contêm sua própria verdade, uma verdade ritual, afirmada como correta por todos que nela creem. No entanto, em uma ordem globalmente cosmopolita, essa postura torna-se perigosa, porque é basicamente uma recusa ao diálogo. O fundamentalismo tende a acentuar a pureza de um determinado conjunto de doutrinas, não só porque deseja fazê-las sobressair em relação a outras tradições, mas também por ser uma rejeição de um modelo de verdade ligado ao engajamento dialógico de ideias em um espaço público.<sup>19</sup>

A internet e as redes sociais têm sido palco de muitos embates em busca da verdade e da razão, não somente no campo religioso, entre diferentes matrizes, mas também entre pessoas de um mesmo núcleo religioso. Um dos agravantes dessa problemática foi o uso das ferramentas de comunicação via mídias sociais nas disputas políticas no Brasil com forte apelo religioso para geração de pânico social. Esse movimento gerou um sistema de verdade diferenciado, que acarretou polarizações e nichos comunicacionais.

As consequências políticas desse processo influenciaram o impeachment da então Presidente Dilma Rousseff em 2016, os retrocessos sociais que aconteceram nos anos seguintes e as eleições presidenciais dos anos de 2018 e de 2022. Tal dicotomia foi responsável pelo crescimento dos discursos violentos e excludentes, especialmente direcionados às pessoas e aos grupos que não apoiavam o candidato Jair Messias Bolsonaro, que era propagandeado como escolhido de Deus em determinados setores religiosos.

Nesse sentido, de fato, é notável o uso político do argumento religioso pela instrumentação de espaços litúrgicos e momentos de comunhão por algumas instâncias e lideranças religiosas para atacar, silenciar, excluir ou perseguir uma pessoa ou um grupo com ideias e ideais divergentes. Outra forma de discurso violento é dar a entender que Deus rejeitaria sua criação devido às convicções políticas, sexuais, culturais, religiosas entre tantos outros aspectos.

<sup>17</sup> RICOEUR, Paul. O texto como identidade dinâmica. In: RICOEUR, Paul. *A hermenêutica bíblica*. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 2006, p. 126.

<sup>18</sup> RICOEUR, 2006, p. 126.

<sup>19</sup> GIDDENS, 1995, p. 14.

Além da política, as questões de gênero foram comumente usadas como bases para práticas de intolerância religiosa contra as mulheres e a comunidade LGBTQIAPN+. De acordo com Cunha, nas relações de gênero é possível identificar “um rechaço a certas teorias científicas e adoção de outras, certa perspectiva moral que leva em conta uma única moral social bíblica, que implica certo modelo de família tradicional heterossexual, que toma a mulher com submissão ao homem.”<sup>20</sup> Tal recorte, incentiva a estigmatização de toda expressão, identidade ou relação que não seja a patriarcal entre homem e mulher, reafirmando também os papéis sociais de gênero.

O fundamentalismo também está presente nas ações políticas-judiciais que buscam não apenas inferiorizar mulheres e a comunidade LGBTQIAPN+, mas retirar direitos humanos básicos dessas pessoas. De acordo com Cunha, são também pautas religiosas que estão por trás de projetos legislativos sobre a criminalização do aborto, judicialização da anticoncepção ou questões que impeçam uniões civis por pessoas do mesmo sexo ou adoção de crianças por casais homoafetivos.<sup>21</sup>

A história de Elizabeth Cady Stanton, precursora da Hermenêutica Feminista e autora do livro ‘Bíblia das Mulheres’ denuncia algumas intolerâncias vividas por ela e que exemplificam um pouco da realidade de muitas mulheres ainda hoje no meio religioso. Sobre sua história, Deifelt afirma:

Acostumada a falar e votar entre seus correligionários nos Estados Unidos, Elizabeth Cady Stanton foi impedida de participar nesta convenção internacional porque, segundo os organizadores, a Bíblia proibia as mulheres de compartilhar autoridade e liderança com os homens. Entre os participantes desta conferência havia diversos pastores, que argumentavam contra a participação das mulheres na conferência baseados no princípio de que a submissão das mulheres havia sido decretada por Deus desde que ele havia criado Eva.<sup>22</sup>

A situação experimentada por mulheres e pela comunidade LGBTQIAPN+ é um exemplo de intolerância e perseguição promovida com embasamento bíblico que impede essas pessoas de viverem plenamente sua fé ou sua vocação por causa de seu gênero ou orientação sexual. Colares, em seu livro sobre a submissão feminina, aponta que o mecanismo discursivo utilizado para submeter e limitar a atuação de mulheres é amplamente difundido em diversas instituições.<sup>23</sup> De acordo com a autora, há elementos que concretizam esse espaço submisso para mulheres.

A ideia de complementariedade dos sexos retira o valor intrínseco da mulher e a coloca como coadjuvante da missão masculina. Seu propósito se mostra permanentemente atrelado à existência de um homem. É usado um mito primordial que pretensamente estabelece a hierarquia constatada nos papéis sociais de mando e obediência, além da suspeita moral que recai sobre as mulheres por sua associação com a entrada do mal no mundo.<sup>24</sup>

<sup>20</sup> CUNHA, 2020, p. 28.

<sup>21</sup> CUNHA, 2020, p. 28.

<sup>22</sup> DEIFELT, 1992, p. 6.

<sup>23</sup> No livro “Submissão feminina: uma leitura bíblico-feminista” a autora faz a análise de materiais publicados por uma editora evangélica. Para mais informações: COLARES, 2023, p. 145-236.

<sup>24</sup> COLARES, 2023, p. 234

Atualmente, há poucas instituições religiosas que ordenam mulheres e o fazem há pouco tempo. Por exemplo, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil ordenou a primeira mulher ao ministério somente em 1982 e Igrejas da Convenção Batista Brasileira, somente em 1999.<sup>25</sup>

Em relação às pessoas LGBTQIAPN+, a situação é semelhante. Poucas instituições religiosas reconhecem a atuação ministerial de pessoas LGBTQIAPN+ e ainda assim, esse parece não ser um lugar de direito para essas pessoas. Essa situação é analisada por Musskopf a relatar a experiência de três pessoas que ingressaram no Ministério com Ordenação.<sup>26</sup>

Nos três relatos, no entanto, há experiências de exclusão e violência e, em grande medida, uma ideia de fundo de que, ainda quando a ordenação acontece, há algo raro (queer) que causa surpresa e espanto. A ordenação tem cara de des/ordenação. Como se os ministérios desenvolvidos por essas pessoas não fossem “ordenáveis”.<sup>27</sup>

De acordo com o autor e convergindo com a proposição de mudanças necessárias nas estruturas sociais, há a necessidade de ocupar esses espaços,<sup>28</sup> visto que “a Igreja já não é mais a mesma, e a entrada desses sujeitos no espaço público deslegitima, inclusive, os fundamentalismos religiosos tão atuantes na política em nossos tempos”.<sup>29</sup>

Além das instituições religiosas que não reconhecem o ministério com ordenação para mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, há ainda os espaços religiosos e políticos que atacam não somente essas pessoas, mas também aquelas que apoiam e lutam por suas causas sociais. Um exemplo recente que chocou o mundo foi o do jogador de futebol Amir Nasr-Azadani, condenado a morte no Irã por participar de protestos em favor dos direitos das mulheres e que, após grande comoção e uma onda de protestos na internet, teve sua pena reduzida para 26 anos de prisão. Além dele, outras pessoas foram condenadas e executadas em praça pública pelos mais diversos motivos, incluindo, crime de ódio contra Deus.<sup>30</sup>

O fundamentalismo religioso, conforme observado, ataca e persegue grupos que são marginalizados na sociedade. Um exemplo brasileiro é a discriminação das religiões de Matriz Africana. No Brasil, em fevereiro de 2024, em Veranópolis – RS, um terreiro foi vandalizado por causa da intolerância religiosa. Neste caso, a Brigada Militar informou que o local foi invadido e depredado, que oferendas e imagens de santos foram danificadas, mas que nada foi roubado.<sup>31</sup> Já em Realengo – RJ, em 2022, um terreiro também foi alvo de vandalismo, neste

<sup>25</sup> WISCH, Taiana Luisa. SOUZA, Carolina Bezerra de. Revirando o guarda-roupa: uma análise hermenêutica feminista a partir de Lucas 7,36-50. *Protestantismo em Revista*. v. 48, p. 72-87, 2023, p. 81.

<sup>26</sup> Para aprofundar a reflexão: MUSSKOPF, André S. “Viado, travesti e sapatão vão fazer des/ordenação”: Reflexões sobre ministérios ordenáveis e possibilidades queer. *Coisas do Gênero: Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião*, São Leopoldo, v. 8, n. 2, p. 23–39, 2023.

<sup>27</sup> MUSSKOPF, 2023, p. 30.

<sup>28</sup> A ideia de ‘ocupação’ é desenvolvida pelo autor, e brevemente explicada em nota de rodapé número 8. MUSSKOPF, 2023, p. 26.

<sup>29</sup> MUSSKOPF, 2023, p. 37.

<sup>30</sup> Jogador iraniano se livra da pena de morte, mas é condenado a 26 anos de prisão por protestos. *BBC NEWS BRASIL*. 10 de janeiro de 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64230496>>. Acesso em 20 de dezembro de 2023.

<sup>31</sup> Terreiro de umbanda é alvo de ataque em Veranópolis. *Gaúcha ZH*. 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2024/02/terreiro-de-umbanda-e-alvo-de-ataque-em-veranopolis-clt5xg-cam00480191738bdkuq.html>. Acesso em junho de 2024.

caso, o principal suspeito já havia tentado agredir uma entidade no local.<sup>32</sup> Estas situações são exemplos de que o foco da ação não é obter lucro ou algo assim, apenas destruir e violar a fé alheia, convergindo com o que aponta Giddens: a prática do fundamentalismo “é perigosa porque apresenta um potencial para a violência”.<sup>33</sup> Tais tipos de intolerância religiosa violenta tem tipificação criminal como intolerância religiosa, perseguição, ultraje a culto, perturbação ou preconceito. Estes não podem ser confundidos com as situações de protesto envolvendo igrejas históricas por questões de posicionamentos políticos ou assuntos de ordem social, como aconteceu em Nova Iorque na Páscoa de 2024 quando manifestantes pró-palestina que estavam na missa subiram no altar com uma faixa escrito ‘silêncio = morte’.<sup>34</sup>

### Teologia do Pluralismo Religioso

O mundo fica cada vez mais plural e, quando olhamos especificamente para o o Brasil, temos um bom exemplo de como é um país pluralmente religioso. No Brasil, apesar de historicamente identificado como um país católico romano, muito antes da chegada de portugueses já existiam religiões indígenas. Com o sistema escravagista, chegaram a nossas terras religiões africanas que, posteriormente, foram configuradas como religiões afro-brasileiras.<sup>35</sup> Com a imigração mais expressiva de pessoas advindas do continente europeu vieram denominações do protestantismo histórico que, posteriormente, constituíram igrejas. Dos Estados Unidos vieram grupos missionários que originaram igrejas de missão como a anglicana, a congregacional, a presbiteriana, a batista e a metodista e, no início do século XX, temos a chegada da primeira onda de igrejas pentecostais.<sup>36</sup> É por isso que podemos afirmar que

O pluralismo religioso brasileiro exige o conhecimento mútuo, o respeito, a convivência pacífica e a cooperação para garantir a cidadania e liberdade religiosa de todos/as. Isto significa que ninguém pode ser obrigado a ter ou praticar determinada religião. É a versão negativa desta liberdade. Positivamente, quem adotar determinada religião tem o direito de praticá-la, inclusive em público.<sup>37</sup>

A partir do exposto, retoma-se que, na primeira metade da década de 60, o Concílio Vaticano II produziu um documento chamado ‘Declaração sobre a Liberdade Religiosa’, dando dentro do catolicismo os primeiros passos para uma Teologia das Religiões e marcando o início de uma nova fase para o movimento ecumênico e o diálogo inter-religioso. Esse importante acontecimento aponta para um processo crítico, “quando então a reflexão teológica passa a reconhecer

<sup>32</sup> Vândalo ataca terreiro de umbanda no Rio e destrói imagens, utensílios e até ventiladores. *GI*. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/10/22/vandalo-ataca-terreiro-de-umbanda-no-rio-e-destrui-imagens-utensilios-e-ate-ventilador.ghtml>. Acesso em junho de 2024.

<sup>33</sup> GIDDENS, 1995, p. 14

<sup>34</sup> Manifestantes são expulsos de igreja após interromper missa de Páscoa. *VG Notícias*. 2024. Disponível em: <https://www.vgnoticias.com.br/stories/manifestantes-sao-expulsos-de-igreja-apos-interromper-missa-de-pascoa/114284>. Acesso em junho de 2024.

<sup>35</sup> CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil). *Pluralismo religioso e diálogo*. Disponível em: <[https://conic.org.br/portal/files/INTER-RELIGIOSO\\_DOC.pdf](https://conic.org.br/portal/files/INTER-RELIGIOSO_DOC.pdf)>, acesso em: 25 jun. 2024. p. 2.

<sup>36</sup> CONIC, p. 2.

<sup>37</sup> CONIC, p. 2.

nas outras tradições religiosas um novo e positivo papel no plano da salvação”.<sup>38</sup> Junto com a possibilidade de aproximar-se de outras verdades, essa igreja deixa de compreender-se como detentora dos dogmas e da única verdade a respeito de Deus. A partir disso, não restringindo-se apenas às questões salvíficas, mas a outros dogmas, a Teologia das Religiões pôde observar e dialogar com outras formas, crenças e meios e, ao fazer isso, começou a questionar sobre o significado do pluralismo religioso no plano de Deus.

A Teologia do Pluralismo Religioso irrompe neste cenário como um dom de Deus às pessoas, para que através dela, seja possível compreender, ou ao menos se aproximar, do mistério de Deus. Dessa forma, o pluralismo passa a ser entendido como uma forma de compreender os eventos religiosos, tanto históricos quanto transcendentais, sem considerar uma única verdade absoluta, mas como manifestações da vontade de Deus que, em tamanho mistério, necessita de diversas culturas, imaginários e formas para conseguir abranger a verdade plena.<sup>39</sup>

O diálogo verdadeiro deve estar sempre animado pela abertura e busca da verdade, que não se esgota em nenhuma tradição religiosa particular. A disponibilidade em colocar-se em discussão, em cultivar a abertura, longe de enfraquecer a fé, é motivo de seu maior aprofundamento. É na relação de alteridade que a identidade da fé ganha a oportunidade de ser reconhecida na sua singularidade e, ao mesmo tempo, enriquecida.<sup>40</sup>

Este método teológico admite a possibilidade de percursos diferenciados que convergem e se complementam, sendo direcionados a uma meta comum compartilhada pelas religiões. Essa meta é normalmente nomeada de forma diferente em cada religião, mas abrange, na maioria dos casos, os mesmos valores e propósitos, que podem ser transformação pessoal, social ou das estruturas sociais, salvação, promoção de valores, vida digna justa para todas as pessoas, relação sustentável entre pessoas e natureza ou enriquecimento espiritual mútuo.

Portanto, quando iniciado o diálogo com outras religiões e opiniões, a pessoa precisa ser consciente da sua própria fé e de suas raízes, respeitar a singularidade da outra pessoa ou religião e reconhecer que, ainda que diferentes, há a mesma dignidade entre as elas.<sup>41</sup> Estas semelhanças ou diferenças somente irão somar e nos aproximar de Deus, pois o diálogo visa a conservação e a abertura à uma relação mais íntima com Deus.<sup>42</sup> Além disso, “esta multiplicidade de formas religiosas não contradiz a unicidade do desígnio de Deus que é de fazer aliança com o ser humano e de salvá-lo.”<sup>43</sup>

Desta forma, as religiões teriam uma função de ‘mediação derivada’ já que não oferecem outra forma de fazer, ser ou se relacionar, mas são responsáveis por mediar mais formas, ou seja, não criam outra forma definitiva, mas sim mais uma forma possível e também correta.

Na ótica da Teologia Feminista, o diálogo inter-religioso é primordial para a criação de novas relações humanas porque precisa questionar o passado e o presente das igrejas

<sup>38</sup> TEIXEIRA, 2010, p. 48.

<sup>39</sup> TEIXEIRA, 2010, p. 50-51.

<sup>40</sup> TEIXEIRA, 2010, p. 75.

<sup>41</sup> TEIXEIRA, 2010, p. 74; GEFFRÉ, 2004, p. 144-146.

<sup>42</sup> CONIC, p. 7.

<sup>43</sup> GEFFRÉ, 2004, p. 138.

patriarcais, promovendo a paz entre as religiões, a comunhão e a participação feminina na construção de uma teologia de libertação para todos.<sup>44</sup>

Para dentro da América Latina, um falar de Deus, a partir da ótica da teologia da libertação pluralista, passa pela aceitação de repensar a nossa explicação de Deus. É necessário que se mantenha a nossa própria identidade, que está enraizada nas culturas autóctones do continente, enquanto mantém-se a fidelidade ao espírito de Cristo “no sentido de manter uma abertura universal e grande disponibilidade para acolher a palavra que Deus nos dá, através das mil formas, como o mistério divino é reconhecido e se revela na pluralidade das culturas e religiões da humanidade.”<sup>45</sup>

Essa multiplicidade de formas é também fruto de Deus “animadas pela potência universal do *Logos* e pela ação ilimitada do Espírito Santo”.<sup>46</sup> De acordo com Teixeira, Geffré identifica que o Deus da Bíblia “bendiz o múltiplo”<sup>47</sup>, acolhe as diferenças, diversidades e multiplicidades porque é a união dessas muitas vozes que possibilitará a aproximação com a riqueza multiforme do mistério de Deus. Desta forma, considera-se que Jesus é revelação absoluta de Deus, mas não é uma revelação definitiva ou finalizada e por isso, Deus continua revelando-se em outros profetas e lugares. Dessa forma, a revelação de Deus não acaba em Jesus, mas sim começa com ele. É o ponto de partida e não a linha de chegada.

### Deus da multiplicidade bíblica

O Deus da multiplicidade bíblica pode ser identificado em várias passagens, tradições e livros. É de extrema importância a sua observação, visto que “a recusa em encarar a multiplicidade presente no próprio texto bíblico servirá para a cristalização de um viés específico, sem que se perceba a parcialidade da escolha ou o equívoco ético de sua afirmação sem qualificação”<sup>48</sup>. Além de Deus se manifestar de múltiplas formas, também são múltiplas as formas de compreender Deus.

No entanto, apesar dos vários modelos de Deus que podemos encontrar ao longo da Bíblia e da história, a imagem predominante para o mundo judaico-cristão é o do Deus soberano e militarista. “Deus como rei, chefe dos exércitos, conquistador, enfim, imagens favorecidas por um contexto patriarcal que legitima o autoritarismo, o escravismo, o racismo, o sexismo”.<sup>49</sup> Esse modelo também é o responsável pela imposição de uma cor, de uma cultura, de um gênero e de uma classe social sobre a divindade.<sup>50</sup>

Por isso, podemos afirmar que a imagem do poder exercido na sociedade, seja por homens ou mulheres, está refletida na da divindade.<sup>51</sup> “Nas culturas antigas, nas quais as mulheres tiveram

<sup>44</sup> EGGERT; LUCAS, 2020, p. 39.

<sup>45</sup> BARROS, Marcelo; TOMITA, Luiza Etsuko. Uno e Múltiplo. Deus numa perspectiva pluralista. In. *Teologia Latino-Americana pluralista da libertação*. São Paulo: Paulinas, p. 103-117, 2006, p. 110.

<sup>46</sup> TEIXEIRA, 2010, p. 58.

<sup>47</sup> TEIXEIRA, 2010, p. 51.

<sup>48</sup> COLARES, 2023, p. 243.

<sup>49</sup> BARROS; TOMITA, 2006, p. 104.

<sup>50</sup> BARROS; TOMITA, 2006, p. 104.

<sup>51</sup> BARROS; TOMITA, 2006, p. 105.

importante papel ritual (como nas religiões dos primeiros habitantes das Américas), deuses e deusas conviviam de forma harmoniosa.”<sup>52</sup> A construção de uma imagem ou metáfora do que é Deus mostra mais a respeito da forma como nos relacionamos com ele do que sobre a forma como definimos a sua natureza, por essa razão, não é correto excluir, menosprezar ou cristalizar nenhuma das formas que representam Deus para uma pessoa ou para um grupo.<sup>53</sup>

Para pensar Deus de uma maneira pluralista, existe uma tarefa anterior: perceber que Deus tem inúmeros caminhos de revelação e que toda religião é instituição humana e cultural. Ao mesmo tempo, a religião é chamada a veicular uma revelação divina e a possibilitar que as pessoas aprendam, no seu seio, a viver uma vida humana mais feliz e integrada.<sup>54</sup>

A plural manifestação de Deus também é descrita e tema de textos sagrados. Na narrativa sobre a descendência de Noé, em Gênesis 10,31-33, a existência de diversas famílias, gerações, línguas, terras e nações é acolhida e celebrada de forma positiva, sendo inclusive, todas as diversas famílias benditas em Gn 12,3.<sup>55</sup> Em Isaías 56,6-7, as pessoas estrangeiras serão recebidas com alegria e os sacrifícios feitos serão aceitos porque a casa de Deus será chamada de “‘Casa de Oração’ para todos os povos”<sup>56</sup>.

Os profetas mostram muitas facetas de Deus, Oséias e Jeremias trazem a metáfora de Deus como esposo e a comunidade como a mulher infiel de Deus como uma metáfora a infidelidade de Israel para com o marido fiel que é Deus.<sup>57</sup> O profeta Isaías usa de metáforas de amor materno, em Is 42,14 há a comparação de Deus com uma mulher parturiente, em Is 49,15 Deus é comparado com uma mãe amorosa com um filho no ventre ou que ainda amamenta, em Is 66,13 temos a comparação de Deus com uma mãe que consola<sup>58</sup> e, já no Novo Testamento, em Mt 23,37 Deus é como a galinha que busca ajuntar seus filhotes embaixo de suas asas.

Um texto que representa uma colagem de épocas e de reflexões teológicas, Ex 34,6-7, mostra qualidades contraditórias de Deus. Como ficou na redação bíblica, o texto parece uma síntese apressada de duas formas de falar de Deus: compaixão, ou seja, “amor que vem do útero materno” e “fidelidade amorosa”, que mantém seu amor por mil gerações e não castiga ninguém (isto nos versos 6 e 7a). De repente, renascente de outra redação e refletindo outra forma de falar de Deus, o texto continua dizendo: “ainda que não inocenta o culpado, e visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, até à terceira e quarta geração!” (7b).<sup>59</sup>

A experiência de Pentecostes narrada em Atos 2,1-13 relata uma cena em que a multiplicidade favorece a compreensão de Deus, pois o dom de falar em línguas é apresentado como uma possibilidade de escuta e compreensão sobre a fé, Deus e o Espírito Santo. Isto acontece porque todas as pessoas, cada uma na sua língua materna, falam e anunciam sobre as grandezas de Deus.

<sup>52</sup> BARROS; TOMITA, 2006, p. 105.

<sup>53</sup> BARROS; TOMITA, 2006, p. 106.

<sup>54</sup> BARROS; TOMITA, 2006, p. 109.

<sup>55</sup> TEIXEIRA, 2010, p. 51.

<sup>56</sup> BÍBLIA Sagrada e Livro de Canto da IECLB. 3 ed. Nova Almeida Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017, Isaías 56,6-7.

<sup>57</sup> BARROS; TOMITA, 2006, p. 107.

<sup>58</sup> BARROS; TOMITA, 2006, p. 107-108.

<sup>59</sup> BARROS; TOMITA, 2006, p. 108.

Para Geffré o evento narrado sobre a descida do Espírito Santo em Pentecostes “é precisamente uma espécie de legitimação que é dada à pluralidade, na medida em que a riqueza superabundante do mistério de Deus não pode ser expressa a não ser por uma pluralidade de formas religiosas”.<sup>60</sup> No cenário de Pentecostes, não há uma língua correta ou verdade absoluta, pelo contrário, há admiração pela experiência, diálogo e comunhão entre pessoas de múltiplos locais e crenças. Nesta perspectiva, a capacidade e possibilidade de falar em outras línguas é, além de uma forma de reconhecer e respeitar a pluralidade, também uma forma de ter voz reconhecida. Dessa forma “consagra-se a cidadania do plural e rompe-se com o nivelamento das culturas simbolizado pela imposição de uma única língua”<sup>61</sup>.

A multiplicidade de dons também é tema recorrente nas narrativas neotestamentárias. Por exemplo, as passagens de Romanos 12,4-5 e 1 Coríntios 12,1-31 que refletem sobre a temática. Em ambos escritos, é afirmado que somente com a diversidade de dons a Igreja ou a comunidade conseguirão viver em harmonia, visto que se todas as pessoas tivessem o mesmo dom, este já não seria mais um dom. Uma metáfora muito prática é apresentada também nas duas narrativas, que é a imagem de um corpo humano que vai sendo tematizada “Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo ele fosse ouvido, onde estaria o olfato?”.<sup>62</sup> Desta forma, Paulo argumenta que todas as partes, desde as maiores até mesmo as mais fracas, são fundamentais para o funcionamento do corpo, valorizando assim todos os dons e capacidades. Além disso, a figura utilizada pelo autor ressalta a importância da diversidade, todas as partes são fundamentais para o corpo, mas cada uma é fundamental na sua maneira, não é necessário que haja muitas partes, é necessário que cada uma faça a sua função.

Ainda, é apresentado que o corpo todo sofre por causa de um membro, conforme “se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, todos os outros se alegram com ele”.<sup>63</sup> Tal abordagem dialoga com a narrativa do Grande Julgamento descrita em Mateus 25,31-46, onde valores como acolhimento, doação e respeito para com pessoas em situação de vulnerabilidade, inclui-se aqui a pessoa estrangeira, são compartilhados por Deus e seu povo. Em uma análise a partir do Pluralismo Religioso, seria correto afirmar que quando uma denominação religiosa se encontra em sofrimento por causa da violência, intolerância ou perseguição, todas as denominações religiosas sofrem junto, incluindo o próprio Deus.

A passagem de Gálatas 3,28 também dialoga com as diferenças e as acolhe quando diz: “Assim sendo, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vocês são um em Cristo Jesus”<sup>64</sup>. Nesta passagem, questões de etnia, classe social e gênero são superadas para que o autor da carta possa falar sobre fé, graça e justiça. De acordo com Tamez, a passagem não busca invalidar ou anular as diferenças entre as pessoas tornando todas uma única criatura, mas sim construir um espaço para experiências que sejam livres de discriminação, privilégios, opressão e exclusão, onde a justiça reine e as pessoas possam viver em respeito, harmonia e paz.<sup>65</sup>

<sup>60</sup> GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar: A virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 138.

<sup>61</sup> TEIXEIRA, 2010, p. 52.

<sup>62</sup> BÍBLIA, 1 Cor 12,17.

<sup>63</sup> BÍBLIA, 1 Cor 12,26.

<sup>64</sup> BÍBLIA, Gl 3,28.

<sup>65</sup> TAMEZ, Elsa. Pautas hermenêuticas para compreender Ga. 3.28 y 1Co. 14.34. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Quito: Equador, n. 15, p. 9-18, 1993, p. 13.

Quando realizada a análise da passagem bíblica de Gálatas 3,26-28 através de uma hermenêutica ética feminista, encontra-se a afirmativa de que “a visão neotestamentária de uma comunidade que não é estabelecida a partir da consanguinidade, mas que se abre para a comunhão com estranhos em solidariedade, é asserção que reitera a igualdade”<sup>66</sup>. Colares converge com o pensamento acima apresentado de Tamez e ressalta que o foco do texto não é igualar todas as pessoas, tirando delas suas particularidades, mas à integração de todas as pessoas em outras unidades.<sup>67</sup> Ainda, há a defesa das diferenças, afirmando que elas não são as causadoras das desigualdades, exclusões, violências e opressões, uma vez que “a responsabilidade por tal dissimetria recai sobre as estruturas institucionais do heterossexismo, racismo, preconceito de classe e colonialismo que seguem reforçando as diferenças como desigualdades”.<sup>68</sup>

O outro não é necessariamente o que me é estranho. Antes de tudo, é o outro de mim mesmo e pode como tal ser compreendido dialeticamente como pertencendo a mim. [...] A medida que o outro é reconhecido, no entanto, ele também é compreendido. A compreensão é o pressuposto para a superação do medo.<sup>69</sup>

A existência do outro e do estranho, como apontado por Körtner, é ameaçadora e excitante ao mesmo tempo porque abre precedente para a existência de novas possibilidades que antes não eram cogitadas. Isso pode causar medo e resistência, ao mesmo tempo em que pode provocar a atenção e esperança naquilo que é desconhecido. Estes mesmos sentimentos controversos em relação ao estranho podem surgir na relação com outra religião.

a própria fé bíblica que nos ensina e insiste: Deus é mistério, ao mesmo tempo uno e múltiplo, e vem-nos ao encontro, sempre através do outro. Nesse sentido, a divindade é como que permanentemente estrangeira e manifesta-se sempre por meio do diferente. Levar isso às últimas consequências significa não apenas respeitar e acolher a experiência espiritual do outro, mas permanecer aberto a integrar, em sua própria espiritualidade, algo aprendido da experiência do outro, que sempre pode nos revelar algo de novo sobre o mistério divino.<sup>70</sup>

O Deus bíblico usa essa alteridade e diversidade para auxiliar no processo de tradução de sua própria existência que é estranha para nós pessoas humanas.

### **Considerações finais**

Ao pensar sobre Teologia e teologias, Gebara afirma:

[...] tendências ou expressões da teologia têm sua história plural, suas escolhas e suas consequências. Não podemos impor nenhuma delas ou excluir outras. Só podemos nos situar onde nos sentimos melhor, dependendo de nossa história pessoal, de nossas perguntas e de

---

<sup>66</sup> COLARES, 2023, p. 256.

<sup>67</sup> Para mais informações sobre a temática da igualdade em COLARES, 2023, p. 256-258.

<sup>68</sup> COLARES, 2023, p. 256.

<sup>69</sup> KÖRTNER, 2009, p. 59.

<sup>70</sup> BARROS; TOMITA, 2006, p. 118.

nosso contexto de vida. Acredito que não haja certezas imutáveis na história humana. Não há caminhos pré-estabelecidos ou fixos para sempre.<sup>71</sup>

De semelhante modo, é praticamente impossível hoje dizer quem, quais ou o que carrega a verdade ou a solução para os problemas do mundo. O que podemos fazer, é sugerir caminhos, propostas e metas que podem contribuir para um mundo onde todas as pessoas e toda a criação tenham direito à vida digna e justa. A Teologia do Pluralismo Religioso e o diálogo inter-religioso também propõem metas a serem alcançadas, um exemplo é a busca pela “cooperação por um mundo melhor, de justiça, igualdade, liberdade e paz.”<sup>72</sup> Por isso, é possível afirmar que, também de acordo com Teixeira, as religiões (no plural) quando fiéis às suas forças espirituais e suas mensagens, podem sim, tornar-se e ser, ferramentas cruciais na diminuição da violência, do fundamentalismo, das opressões e na preservação das pessoas e de toda a criação.<sup>73</sup>

### Referências

- BARROS, Marcelo; TOMITA, Luiza Etsuko. Uno e Múltiplo. Deus numa perspectiva pluralista. In. *Teologia Latino-Americana pluralista da libertação*. São Paulo: Paulinas, p. 103-117, 2006.
- BÍBLIA Sagrada e Livro de Canto da IECLB. 3 ed. Nova Almeida Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- COLARES, Karen. *Submissão Feminina: uma leitura bíblico-feminista*. São Paulo: Editora Recriar, 2023.
- CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil). *Pluralismo religioso e diálogo*. Disponível em: <[https://conic.org.br/portal/files/INTER-RELIGIOSO\\_DOC.pdf](https://conic.org.br/portal/files/INTER-RELIGIOSO_DOC.pdf)>, acesso em: 25 jun. 2024.
- CUNHA, Magali do Nascimento. *Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul: tendências e desafios para a ação*. Salvador/Bahia: Koinonia Presença Ecumênica e Serviço, 2020,
- DEIFELT, Wanda. Os primeiros passos de uma hermenêutica feminista: a Bíblia das Mulheres editada por Elisabeth Cady Stanton. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 32, n. 1, p. 5-14, 1992.
- EGGERT, Edla; LUCAS, Luísa de. A contribuição da Teologia Feminista Latino-Americana para a Promoção do Diálogo Inter-Religioso. *Revista de Pesquisa em Teologia*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 27-46, jan./jun. 2020.
- GEBARA, Ivone. *Para compreender a teologia feminista*. São Paulo: Editora Recriar, 2023.
- GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar: A virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GIDDENS, Anthony. *Para além da esquerda e da direita*. São Paulo: Unesp, 1995.
- Jogador iraniano se livra da pena de morte, mas é condenado a 26 anos de prisão por protestos. *BBC NEWS BRASIL*. 10 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64230496>. Acesso em 20 de dezembro de 2022.

<sup>71</sup> GEBARA, 2023, p. 71.

<sup>72</sup> CONIC, p. 7.

<sup>73</sup> TEIXEIRA, 2010, p. 78.

- KÖRTNER, Ulrich H. J. *Introdução à Hermenêutica Teológica*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.
- Manifestantes são expulsos de igreja após interromper missa de Páscoa. *VG Notícias*. 2024. Disponível em: <https://www.vgnoticias.com.br/stories/manifestantes-sao-expulsos-de-igreja-apos-interromper-missa-de-pascoa/114284>. Acesso em junho de 2024.
- MUSSKOPF, André S. “Viado, travesti e sapatão vão fazer des/ordenação”: Reflexões sobre ministérios ordenáveis e possibilidades queer. *Coisas do Gênero: Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião*, São Leopoldo, v. 8, n. 2, p. 23-39, 2023.
- RICOEUR, Paul. O texto como identidade dinâmica. In: RICOEUR, Paul. *A hermenêutica bíblica*. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 2006.
- TAMEZ, Elsa. Pautas hermenêuticas para compreender Ga. 3.28 y 1Co. 14.34. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Quito: Equador, n. 15, p. 9-18, 1993.
- TEIXEIRA, Faustino. A Teologia do Pluralismo Religioso em Claude Geffré. *NUMEN: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, Juiz de Fora, v. 1. n. 1, p. 45-83, 2010.
- Terreiro de umbanda é alvo de ataque em Veranópolis. *Gaúcha ZH*. 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2024/02/terreiro-de-umbanda-e-alvo-de-ataque-em-veranopolis-clt5xgcam00480191738bdkuq.html>. Acesso em junho de 2024.
- Vândalo ataca terreiro de umbanda no Rio e destrói imagens, utensílios e até ventiladores. *G1*. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/10/22/vandalo-ataca-terreiro-de-umbanda-no-rio-e-destroi-imagens-utensilios-e-ate-ventilador.ghtml>. Acesso em junho de 2024.
- WISCH, Taiana Luisa. SOUZA, Carolina Bezerra de. Revirando o guarda-roupa: uma análise hermenêutica feminista a partir de Lucas 7,36-50. *Protestantismo em Revista*. v. 48, p. 72-87, 2023.

Submetido em 29/06/2024

Aprovado em 18/06/2024